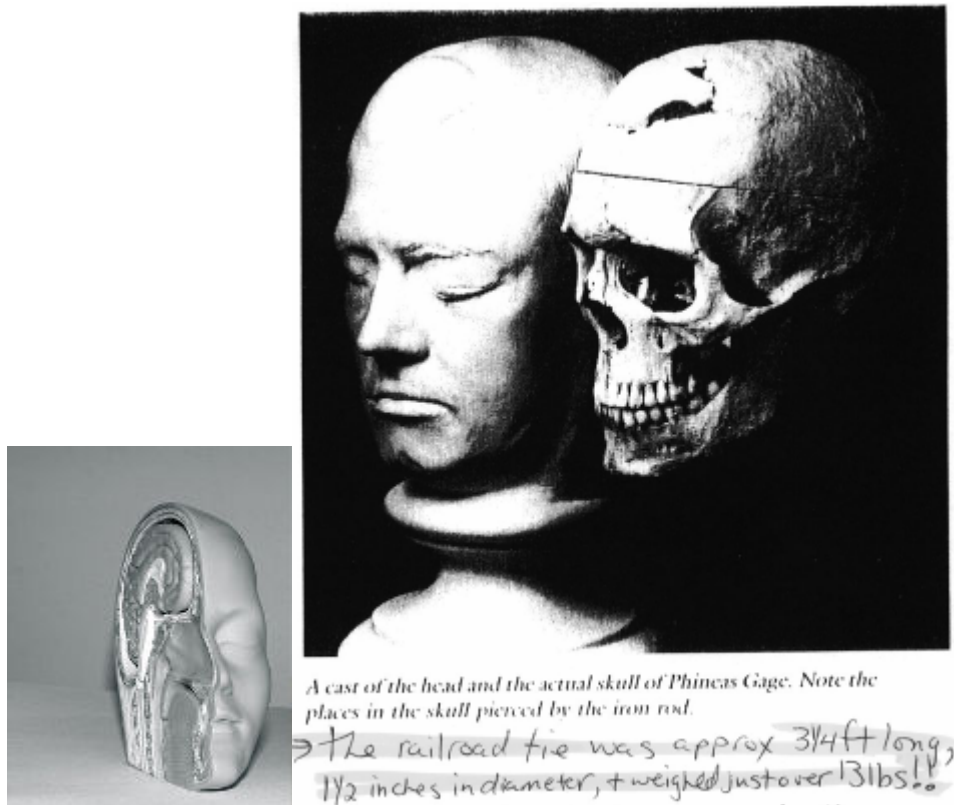


*ENTRE, CURRÍCULOS, CORTES, MORTES: IMAGENS-CÉREBROS EX-PÕEM
DIVULGAÇÕES-DIVAGAÇÕES...*

Elenise Cristina Pires de **Andrade** – Faculdades Network

Susana Oliveira **Dias** – UNICAMP

Agência Financiadora: CNPq; Preac/UNICAMP e MEC-MinC



Disponível em: <http://sadato.hypermart.net/weblog/images/PhineasGage.jpg>. aCESSO
EM: MAR. DE 2009.

As imagens, assim, são propriamente as coisas do mundo. Uma consequência se deve tirar logicamente: o cinema não é o nome de uma arte. É o nome do mundo. A “classificação dos signos” é uma teoria dos elementos, uma história natural das combinações dos seres. Essa “filosofia do cinema” assume assim, de vez, um aspecto paradoxal. O cinema é geralmente considerado como uma arte que inventa as imagens e os encadeamentos de imagens visuais. Ora, o livro afirma uma tese radical. Não é nem o olhar, nem a imaginação, nem a arte que constitui as imagens. A imagem não foi constituída. Ela existe por si. Ela não é uma representação do espírito. Ela é matéria-luz em movimento. O rosto que olha e o cérebro que conhece as formas são, ao contrário, um anteparo negro que interrompe o movimento em todos os sentidos das imagens. É a matéria que é olho, a imagem que é luz, a luz que é consciência. Poder-se-ia concluir que Deleuze não nos fala, de maneira alguma, da arte cinematográfica e que seus dois volumes sobre as imagens são uma espécie de filosofia da natureza. As imagens do cinema são ali tratadas como

acontecimentos e agenciamentos da matéria luminosa (RANCIÈRE, 2008, p.5)¹.

Luz, imagem, vida. Escuridão, cegueira, morte. Quase que automaticamente, naturalmente, essas seriam as conexões que encontramos nas falas, ações, dizeres, pensamentos e pesquisas. A imagem ilumina, clareia, explica, dá vida. A escuridão, por seu turno, cega, impede a luz, absorvendo-a num ralo de morte. Será mesmo? Ao pensarmos na intensidade de nossa proposta de pensamento para esse *textoescrito* – a divulgação científica como motivo para pensar o currículo como um possível – que reviravoltas e descontinuidades Jacques Rancière e Gilles Deleuze não poderiam provocar? *O rosto que olha e o cérebro que conhece as formas são, ao contrário, um anteparo negro que interrompe o movimento em todos os sentidos das imagens...*

Interrupção da organicidade linear que parece determinar que é o olho que olha, o cérebro que aprende, a imagem que divulga e a ciência que produz os conhecimentos. Comunicação quase como “xerox” de conhecimentos. Currículos quase como “xerox” de conhecimentos. Queremos investir em outras searas, outras veredas. Outros sertões...

Exatamente porque uma de suas principais características é a criação de novas realidades, as ciências e as técnicas, assim como os laboratórios, as instituições e as políticas de pesquisa são um empreendimento coletivo, cuja racionalidade não é nem mais universal nem mais racional do que aquela que circula no conjunto das relações humanas (ARAÚJO, 1998, p. 13).

Também daquela que circula no conjunto das relações maquínicas. Maquinaria em funcionamento como nos propõem Deleuze e Guattari, em um movimento desterritorializante. Investimos nesta pesquisa, que (des)foca a divulgação científica, na produção de sentido nas superfícies, acompanhando esses filósofos. Escorregões, deslizes, versos por profundidades imaginárias. Descentramento da necessidade de uma linearidade temporal para produção e divulgação de conhecimentos; de delimitações, comparações e hierarquizações entre ciência, arte e divulgação. Trans-formações que ressoam em nossas possibilidades de expressão, sensação, entendimento, ensino-aprendizagem pelos mais diversos espaços formais e não-formais de ensino.

¹ Tradução para o português de Luiz Felipe G. Soares. Texto original em francês publicado em RANCIÈRE, Jacques. *La fable cinématographique*. Paris: Le Seuil, 2001.

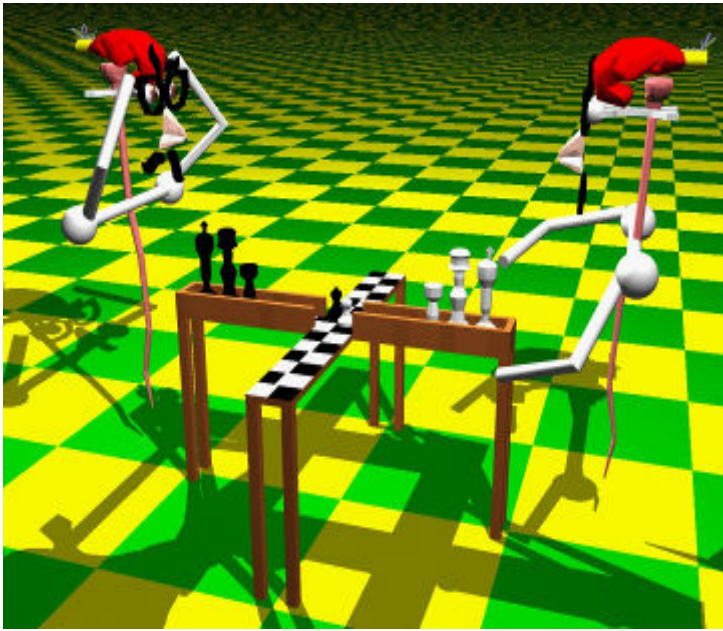


Imagem produzida por Carlo Rondinoni (2003)

Ensaio para Sair da Cegueira

modelagem 3-D em OpenFx, software aberto

(www.openfx.org)

Fonte: <http://rfi.fmrp.usp.br/~neuro-arte/ensaio-para-sair-da-cegueira.htm> (Acesso em: mar. de 2009)

Esta obra foi idealizada nos moldes clássicos do construtivismo, nos quais a percepção do mundo é composta pelo agrupamento de características do mundo real numa representação única. A primeira idéia é a de que um cérebro desenhado rudemente se assemelha a uma luva de boxe. Então, eis o cérebro. Faltava o corpo, composto pela coluna, braços e olhos. O disfarce serve pra dar uma face às personagens. Contrapor a brutalidade do boxe com algo mais nobre como o xadrez foi o próximo passo. Na hora de montar a cena, deu uma preguiça de fazer uma mesa nova. Colei o labirinto em cruz com o quadriculado em cima, mais algumas peças de xadrez. O chão com as cores nacionais serve como um toque nacionalista. Que nada, tudo vira uma crítica ao modelo de ciência no Brasil ou uma metáfora da dificuldade de fazer neurociência. A cena foi criada com o software aberto OpenFX e o título é uma menção ao prêmio nobel pra pegar um pouquinho do mel.

Perambular por diversos espaços-tempos numa aposta em criar um diálogo plural que talvez pudéssemos chamar de “pluriálogos”, entre ciências, artes, filosofia e divulgações. Em busca de gerar fugas às estabilizações e fixações nos conhecimentos, culturas, valores e imagens científicos. Uma proposta em divagar conhecimentos. Conhecer divagando. Lançar ciências ao arrombamento e invasão de universos. Explorar as potencialidades da divulgação científica como divagações. Expandindo, dispersando, multiplicando e esgarçando essa noção em explorações de outras possibilidades de expressão. Apostando na estética como movimento político de resistência às fixações dos conhecimentos, sensações, vozes e silêncios em

determinados e privilegiados espaços/tempos da contemporaneidade.

Pretendemos neste trabalho potencializar o entendimento das ciências não como produção restrita aos laboratórios, mas como produção que se efetua e expressa como maquinaria: pesquisas, pesquisadores, artigos, produtos, públicos e divulgações pelas mídias (textos, imagens e sons nos jornais, revistas, internet, TV, cinema etc). Também pretendemos potencializar a multiplicidade das ciências em currículos, desprendendo-se

da necessidade de uma única definição modelar, porque modelo explicativo e generalizante de realidade, de mundo, de currículo também.

Produções curriculares que se desvincilhem de uma concretização hipoteticamente verdadeira, pois aquela que conduziria à redenção por meio da organização, coerência e veracidade com os mundos (escolar, disciplinar, político, artístico etc). Deslizes, soterramentos, pulos por filmes hollywoodianos, emoções, angústias, planejamentos, intenções, fotos, idéias, aulas e tantos outros fluxos que se explicitaram e se esvaneceram com slides que não tencionavam comunicar-se com o “cotidiano escolar”, mas que, de tão ausente, apresenta-se. Ou melhor, invade e, surpreso, detecta que os invadidos estão a desejar a invasão (ANDRADE, 2006, p.70).

Apostamos em percursos entre imagens, sons, vídeos e textos que propiciam um navegar caótico pelas ciências, capazes de lançá-las para fora das fixações dos conhecimentos, culturas, currículos. Potência de levar as ciências para além: dos seus limites; das fixações identitárias; das lógicas de oposição e exclusão; das políticas que se fundam na organicidade e naturalidade da natureza e da antropologia do antropos (humano); da idéia de funcionamento universal das ciências. Suspender o julgamento moral (bem e mal) que marca a maquinaria de expressão das ciências; abertura a um divagar por um tempo suspenso, na produção de sentidos no acontecimento efêmero.

Queremos invadir o pensamento de Isabelle Stengers quando ela atravessa as questões epistemológicas e discursivas das ciências e deixá-la expressar:

(...) pode-se, é evidente, dizer que os átomos, as moléculas, a transmissão genética, são condições dadas de nossa história, mas eles só “fazem história” no sentido de referentes científicos ao se tornarem também condições para outras histórias, transformando aquilo que devia ser explicado em um “caso” em meio a uma variedade de casos (STENGERS, 2002, p. 141) (grifo da autora).

A autora continua sua proposta ao enfrentar o poder reducionista da retórica frente à produção de conhecimento científico entendido como acontecimento² e as consequências dessa postura na modificação do sentido de “explicação”:

² “Colocar a questão da ciência sob o signo do acontecimento é aceitar – contra os critérios a-históricos de racionalidade – a possibilidade de um paralelo com a maneira pela qual Gilles Deleuze e Félix Guattari caracterizam a filosofia como processo contingente” (STENGERS, 2002, p.89) (grifo da autora).

(...) não se trata mais de “ex”-plicar no sentido de “fazer sair” daquilo a que nos referimos, mas também aquilo, e ainda aquilooutro – várias “consequências” que testemunham por sua vez a existência do referente. Trata-se de afirmar que este referente tem o poder geral de reduzir a diversidade ao mesmo (STENGERS, 2002, p. 141) (grifos da autora).

Ao pensarmos em possíveis (des)conexões com ciência, divulgação e currículo, o que essas apostas poderiam abalar? Como poderíamos pensar nas fraturas curriculares provocadas por uma divagação científica? Enfoque no foco das imagens na contemporaneidade, em cérebros ex-postos, colocados em exteriores íntimos como na Comissão de Frente da escola de samba carioca “Porto da Pedra” no desfile de 2009, em neurônios que nos encantam na produção *Osmosis Jones*³. Conceitos científicos, retórica reducionista, divagação e(m) divulgação. Currículo.

Há facilitação de composições interessantes quando culturas e imagens de um currículo possibilitam a divulgação de múltiplas imagens do mundo, e espera, calmamente, que cada um/a possa conectar-se com aquilo que lhe convenha, cercado-se de cautela apenas para que imagens e culturas não bloqueiem os fluxos desterritorializadores existentes na vida (PARAÍSO, 2008, p. 110.)

Consideramos as imagens – propagandas, quadrinhos, fotografias, cinema – seres que deflagram interessantes possibilidades de pensar para o campo da educação e explorar os conceitos de diferença, representação e currículo. Encontramos com a proposta de pensar as imagens como máquinas, que Antonio Carlos Amorim (2007) propõe em conexão com os estudos de Gilles Deleuze. O autor expõe o jogo autoritário de significações que as imagens incitam. Armadilhosas, as imagens constroem a pensar no jogo da representação e forçam a estabelecer correspondências, analogias, equivalências. Interessa-nos pensar as imagens produzidas por artistas como laboratórios de experimentação de outros possíveis, como abertura aos novos lances, às variações poéticas e políticas das ciências e divulgações. A politização das ciências e tecnologias passa por desestabilizar os sentidos já dados, por revolver as relações, separações, hierarquizações já dadas entre ciências, artes e divulgações e currículo.

Daniela Ripoll, da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), no Rio Grande do Sul, realiza estudos sobre textos na mídia, sobre corpo e biotecnologias que se remetem

³ Título em inglês da produção cinematográfica de 2001, dirigida por Peter Farrelly e Bobby Farrelly.

aos conhecimentos, artefatos e políticas no campo da genética. Ela interroga a fabricação de posturas políticas de controle, consumismo/lucro, suposta neutralidade na expansiva exposição dos textos de divulgação (e produção) do conhecimento científico na mídia contemporânea. Emprestamos dela um explosivo questionamento: “(...) o que a ciência, a tecnologia e os cientistas parecem ser capazes de fazer nos textos e imagens da cultura popular?” (2007). Des-locamentos em ex-posições. Posição que não sabe mais onde está, em que está. Na academia? Nos conceitos científicos? Nas culturas? Nos currículos?

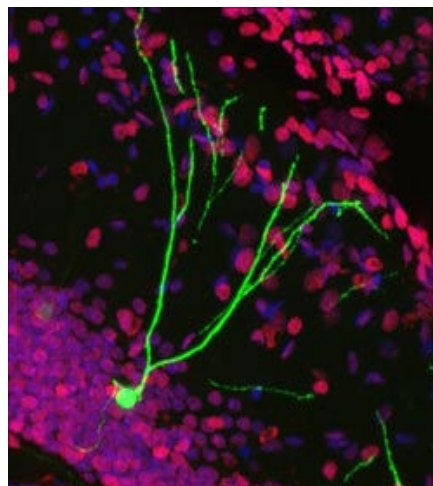


Comissão de Frente da escola de samba “Porto da Pedra”



Trecho da produção *Osmosis Jones*

Propomos um abandono da busca de equivalência: o que essa imagem quer dizer? Qual representa o conceito corretamente? Qual deve ser utilizada em ensino/divulgação em ciências? Maquinações de outros fluxos e movimentos produtores e ressonadores de outros mundos – outras ciências, outros corpos, outras imagens, outros currículos. Desembaraçar-nos de conceituações únicas de ciências, divulgação e linguagem, de imagens representacionais centradas em conceitos específicos. Como multiplicar a potência criativa dos atravessamentos, arrombamentos, das aglomerações e(m) imagens que se alastram pela contemporaneidade em uma hibridização caótica? Por que não pensar, como nos sussurra Amorim (2007), em uma educação em ciências partindo em busca de experimentar, na extensão das culturas?



Hipocampo com um neurônio verde que sofreu inserção do gene *LINE* modificado para expressar uma proteína verde fluorescente.

Fonte:

<http://cienciahoje.uol.com.br/56653>. Acesso em: mar. de 2009.

Não estamos aqui pro-pondo outras fixações, mas transgressões na postura em admitir uma única linha diretiva no que se relaciona à divulgação, currículo, imagens e ciências. Currículos estudados, pesquisados, nomeados, arruinados, entendidos por tantos grupos e pesquisadores. Centralidades e marginalidades em/com imagens, como nos apresenta Marlucy Paraíso (2008), Antonio Carlos Amorim (2007), Antonio Carlos Amorim *et al* (2008), pesquisadores com referenciais nos Estudos Culturais e Educação em Ciências, como os presentes na publicação organizada por Maria Lúcia Wortmann *et al* (2007): *A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas*.

Vivenciando uma explosão de imagens em divulgação, escolhemos perambulações por neurônios, cérebros, interiores/exteriores de corpos humanos que se propagam, dissipam, fixam pelas telas dos monitores de computador, TVs, pelos papéis de jornais, revistas, livros didáticos e paradidáticos, lousas, memórias, decorebas de conceitos. Imagens que, às vezes, se associam ao mundo social humano, em outras querem fugir, como Alice e o Coelho. Tantas outras vezes, nem uma coisa nem outra. Como poderíamos potencializar essa movimentação pulsante das imagens?



Pensemos na Turminha do Zé Neurim⁴ apresentada na imagem acima e que habita várias histórias do site da SBPC para crianças. Poderíamos, então, pensar nos “sentidos bárbaros” propostos por Daniel Lins (2005) quando nos apresenta as infinitas replicações na/com o devir pedagógico ao sermos apresentados, presenteados com Acumbente, Giraldo, Ocipitaldo, Olívio e o “dono” de todos eles, o menino Ptix?

⁴ SBPC para crianças. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/3898>. Acesso em: mar. de 2009.

Intenção na tensão do *entre* conceito científico, currículo de ciências, imagens, imaginações, divulgações-divagações. Postura política de singularidades e não generalizações. Espaço para expansão do pensamento e não retração.

Cabe, pois, cultivar, como experimentos e não como normas ou modelos, os sentidos bárbaros não ainda domesticados, e não apenas as significações ou os significados ordenados – aquilo que é, a saber, uma série significada, e aquilo que deveria ser, isto é, uma série significante (...) (LINS, 2005, p. 1238-9) (grifos do autor)..

Cultivos de experimentos em potências de hibridização, invasão, in-versão. Vontade menor em tentar prever o que foi aprendido, o que foi ensinado, e muito maior em “(...) Uma aprendizagem singular des(colada/locada) de uma conexão com a intenção de um ensino, impossibilitada pela imprevisibilidade dos “futuros pensamentos” dos alunos e alunas” (ANDRADE, 2006, p.70). Convidar esse deslocamento para momentos de divulgação científica ao assumir essa imprevisibilidade dos “futuros conhecimentos” a serem divulgados, pesquisados, produzidos. Com essas intenções, conseguimos o financiamento e a apresentação de uma peça desenvolvida por uma equipe de pesquisadores e artistas vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e à Faculdade de Educação (FE), ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Peça que faz parte de uma das ações/intervenções de divulgação científica de um grande projeto financiado pelo CNPq e de suas ramificações em dois outros projetos: um financiado por edital Preac/Unicamp 2008 e outro por edital Proext-Cultura 2008 MEC-MinC.



Montagem de fotografias produzidas por Alik Wunder durante encenações da peça pelas ruas de Campinas

A peça foi apresentada nas ruas do centro de Campinas e no Museu da Imagem e do Som (MIS) para alunos e professores, na SBPC Jovem (2008) e no espaço cultural Casa do Lago, para estudantes universitários. O público assistiu a uma dupla de atores e jogou imensos dados com imagens e palavras nas faces. Os lances resultaram num imenso poema de palavras dadas e jogadas. O desejo da equipe foi de gerar novas sensibilidades sobre os deslocamentos produzidos nas noções de humano, vida e tempo investindo nos jogos (sem) sentidos das imagens, no inesperado das ruas, nas biotecnologias imersas na vida.



Montagem de fotografias produzidas por Alik Wunder durante encenações da peça pelas ruas de Campinas. Foco no poema composto pelas palavras ditas/jogadas pelo público.

Peça, vida, tempo, humano, dados, biotecnologias, divulgação. Público que é autor, contemplador, conhecedor, criador. Num mundo em transformação, que se modifica num ritmo alucinante, os projetos propõem pensar em modificações “decorrentes” das possibilidades da invenção de ambientes e ciências pelas biotecnologias. Explorar meios-objetos-sensações que propiciem sensações de proliferação da vida pelas imagens, sons e palavras; pela interação que se dá em experimentação de corpos: visitantes, imagens, sons, palavras. Divulgação como proliferação de vida. Divagação. Voltemos onde que havíamos ido: Como poderíamos pensar com tais potências para os currículos em ciências, tão presos a demarcações, fixações de conceitos, generalização de fenômenos? Como resistir a tantas e intensas delimitações?

Exploração *entre* arte-ciências-divulgação. Quando expressamos nossa vontade em resistir, acompanharmos François Zourabichvili (2006) quando ele diz sobre o conceito de resistência na filosofia e na arte, “(...) a filosofia só supera essa resistência indiretamente produzindo os conceitos daquilo que a arte faz (e não os que a arte produz), produzindo, portanto, os conceitos dos conceitos da arte; em outras palavras: instituindo a estética (p. 99)”. Como, então, pensar nas re-com-figurações sociais nesse cenário que se expressa e se produz “como” maquinaria em divulgação?

Laymert Garcia dos Santos, em entrevista a Álvaro Kassab (2003), defende a necessidade de politização das tecnologias, espaço de criação de pensamento, de futuro, de resistência assim como revela seu interesse pela arte e o “(...) modo como ela questiona e explora outros devires que não os programados pela aliança entre a tecnociência e o capital global”. Continuando sua resposta, Laymert afirma que o mercado de arte contemporânea também interpela as novas tecnologias, mas com objetivos diferentes dos dele, que é “(...) perceber justamente aquilo que escapa. O deles [do mercado de arte contemporânea] é perceber aquilo que tem potencial para ser capturado pelo sistema”.

O que escapa, o que é capturado, o que afeta, o que tornar-se desafeto. Arte, ciência, imagem, mundo. Resistir às fixações e linearidade que parecem impedir os fluxos de expansão do pensamento para provocar rompantes em fuga, interstícios caóticos do *entre*, como por exemplo, achamos em algumas imagens criadas e apresentadas no II Simpósio do Laboratório de Neurofisiologia e Neuroetologia Experimental⁵, durante a oficina “Da Vinci”.

“A neuroarte é uma invenção recente que congrega uma série de expressões associadas a artes plásticas e neurociências. O termo expressa fenômenos mistos nas duas áreas, que podem ser fusões, influências de ambas as partes ou, inclusive, material artístico produzido por indivíduos que sofrem de problemas neurológicos ou psiquiátricos”, explica Garcia-Cairasco (2004).

⁵ O evento foi organizado pelo Laboratório de Neurofisiologia e Neuroetologia Experimental, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP. As imagens e textos produzidos estão disponíveis no site do evento: <http://rfi.fmrp.usp.br/~neuro-arte/poster.htm> (Acesso em: mar. de 2009).

A ARTE PERMEANDO O ENSINO DE NEUROFISIOLOGIA EM SALA DE AULA

Márcia Ghisi Mezadri

- Raquel Gastaldi Dias

LEGENDAS ARTES

- MATERIAL: BOPP, OLINHO, CABELA, BISCOPO, POPURINA, PÓ DE COBRE.**
Autor: Dalí, Surrealismo, Francesc Soler.
Objeto: Evolução estrutural do sistema nervoso: axônio, dendrito.
- MATERIAL: QUADRO DE MÓDULO, SANGUE, MASSA DE MÓDULO.**
Autor: Hermann Josephsson, Cuba, França e Guadalupe.
Objeto: O cérebro humano. São, prazer, A. O. O cérebro está sempre ligado ao sistema nervoso e está sempre em movimento. Ao mesmo tempo sempre se movimenta. O prazer do cérebro não se pode sempre sentir, mas sempre se sente, representando o sistema nervoso humano.
- MATERIAL: BOPP, TINTA, PÓ DE COBRE.**
Autor: "Pacemaker", Cuba, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução estrutural do sistema nervoso: axônio, dendrito.
- MATERIAL: QUADRO DE MÓDULO, SANGUE, MASSA DE MÓDULO.**
Autor: Hermann Josephsson, Cuba, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução estrutural do sistema nervoso: axônio, dendrito.
- MATERIAL: PAPEL, LÁPIS DE COR, CAMÉRA FOTOGRAFICA.**
Autor: Pinta de José Carlos Dur. São Paulo, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução estrutural do sistema nervoso: axônio, dendrito.
- MATERIAL: TRANSPARENCIA E CANETA DE QUADRO LETRA.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: TINTA, LÁPIS DE COR, CANETA DE QUADRO LETRA.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: MÚSICA CLÁSSICA, ÓPERA LÓPPE DE CLAUDIO MONTEVERDI.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: TINTA, LÁPIS DE COR, CANETA DE QUADRO LETRA.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: MÚSICA CLÁSSICA, ÓPERA LÓPPE DE CLAUDIO MONTEVERDI.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: TINTA, LÁPIS DE COR, CANETA DE QUADRO LETRA.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: MÚSICA CLÁSSICA, ÓPERA LÓPPE DE CLAUDIO MONTEVERDI.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: TINTA, LÁPIS DE COR, CANETA DE QUADRO LETRA.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: MÚSICA CLÁSSICA, ÓPERA LÓPPE DE CLAUDIO MONTEVERDI.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.
- MATERIAL: TINTA, LÁPIS DE COR, CANETA DE QUADRO LETRA.**
Autor: Camilo J. Barros, França e Guadalupe.
Objeto: Evolução do sistema nervoso humano: sistema nervoso central e sistema nervoso periférico.



O cartaz de divulgação do filme junto a outras fotografias da Comissão de Frente de 2009 da Escola de Samba “Porto da Pedra”, a produção artística apresentada no II Simpósio do Laboratório de Neurofisiologia e Neuroetologia Experimental ⁶ em circulação, dispersão, divulgação de conceitos científicos acerca do corpo humano. Desenhos, fotografias, escritos. Leucócitos policiais, neurônios telefonistas, Drixfenol (Drix para os amigos) comprimido-soldado. Cérebro-guarda-chuva-sombrinha. Ritmos e sincronia para os neurônios⁷. “A forma como o organismo é mostrado [na animação Osmosis Jones] ultrapassa o bom senso de forma simples, ou seja, normalmente mostrado em fotografias. Uma célula ou glóbulo branco não dá para ver a olho nu, porém o filme nos trouxe a olho nu sem precisar de microscópio. Uma abertura para um olhar diferente” registrou uma aluna em 2008 durante um dos trabalhos a ela solicitado durante a disciplina “Ciências e Metodologia de Ensino” em um curso de Pedagogia.

Pretendemos, então, não uma divulgação através das imagens em uma explicação reducionista da retórica como contesta Isabelle Stengers. Nem nelas aprisionar os conceitos científicos em grades/valores/territórios, como tantas vezes nos deparamos em jornais e revistas, habituados a povoá-las com os significados já dados. Frequentemente somos levados (educados?) a uma lógica em que as imagens têm que nos dizer algo, e, quando elas parecem “apenas” expressar e nada dizer/comunicar, críticas seriam feitas frente a uma inutilidade e desperdício das imagens, como se elas, “sozinhas”, não fossem capazes de criar outras possibilidades de criação no pensamento para divulgação científica. Entretanto, o caminho que divulgação e currículo encontram na linearidade da existência de um sujeito que lê e interpreta o mundo (não somente os textos e as imagens), também delas parecem retirar sua potência para o pensamento, recaindo nos pontos de vista dos indivíduos, a tão paralisante e generalizante opinião que nos fala Deleuze. Fugir das hierarquias nas relações entre conhecimentos e culturas é o que pretendemos com tantos cérebros, neurônios, fissuras, currículos...

Hierarquias que se alimentam nas comparações, nas equivalências que tanto intensificam e potencializam o modelo platônico de mundo, de ver o mundo, de explicar o mundo. Mas Cartola já não havia nos dito que “O mundo é um moinho”⁸? Mundo, moinho, momentos, mortes, movimentos, maquinações.

⁶ Disponível em: <http://rfi.fmrp.usp.br/~neuro-arte/marcia-ghisi.htm>. Acesso em: mar. de 2009.

⁷ Enredo: “Não me proibam de criar, pois preciso criar! Sou o país do futuro e tenho muito a inventar!” Carnavalesco: Max Lopes. Desfile do do Grupo Especial do Rio de Janeiro em 23/02/2009.

⁸ Canção de Cartola.

A morte, acontecimento intruso e imprevisível, efetua a quebra de uma imagem de tempo como fluxo contínuo. A fotografia confunde-se com a própria morte que vem roubar a alma dos seres. Fragmenta o curso da vida, ceifa os fatos em partes não conciliáveis, numa explosão de multiplicidades de tempos. Restos de seres e coisas espalhados por todos os lados. Como uma testemunha material da morte do instante, a fotografia grita em nossos ouvidos: “a vida é uma sucessão de mortes parciais” (DELEUZE, 1992, p.114). Que restos, que pedaços de outro tempo despontarão em novas ramas? Impossibilidade, fissura e o silêncio das imagens. A fissura está no próprio gesto de deixar ao outro uma fotografia como herança material do tempo (AMORIM et al, 2008).

Buscar a fissura de um currículo que se quer/pretende fixar em delimitações de culturas. Relembrar a nossa vontade: pensar a divulgação e o currículo em extensão, tensão constante e criativa. Abortar a necessidade de contextualizações e demarcações conceituais para o encontro imagens-sentidos, assim como a ditatorial necessidade de um ser/sujeito que vê e algo/imagem que é visto. Permitir-se à diluição, ao deslize, à confusão de fronteiras. Carnaval, Osmose Jones, neurônios, cérebros, sensações, conhecimentos, artes, ciências...

Dos trabalhos de Gilles Deleuze aprendo que uma política diferente começa por um pensamento oposto aos modelos que impedem a potência do pensamento. Por isso ao pensar nas diferentes imagens e culturas que povoam um currículo sugiro que podemos, sim, evitar imagens de pensamentos curriculares que dificultam a desterritorialização e a criação nesse território. Se o pensamento cultural no currículo não está mais potente ao ponto de possibilitar desorganizações e desterritorializações necessárias ao processo de criação, porque tornou-se modelo, podemos eleger outros pensamentos para tentar fazê-los funcionar no campo curricular. Talvez com outras articulações, outras composições e com outros conceitos possamos mostrar que outro povoamento do currículo é possível. (PARAÍSO, 2008, p. 110,)

Resistir às armadilhas de imagens-corpos-ciências-divulgações que se orientam pelos princípios da organicidade e totalidade. Escapar àquilo que está dado, da relação violenta que se estabelece entre imagem-cérebro-conhecimento-parte-todo-quebra-cabeças. Fugir de uma política disciplinatória, sob a égide do modelo de verdade, que permite o julgamento e condenação de um currículo sem essência, sem substância. Potencialidade de afirmar a multiplicidade de mundos, a divergência, o descentramento. (Des)controle, *entre*, currículos, cortes, mortes.

Resistir, fugir, escapar – fazer resistir, fugir, escapar – envolve uma redistribuição dos possíveis, um enfrentamento do condicionamento dos currículos às referências, às identidades, às personificações. Currículos, sentidos, efeitos, conhecimentos invadidos pelas possibilidades de abertura de vazios. No tempo morto que o artista catarinense Walmor Corrêa explora em suas obras – naturezas, corpos, ciências perversas –, cortes entre a ordem e a desordem, entre ciência e arte, entre real e verdade, entre vida e morte. *Entretempos*. O vazio do terceiro olho na ossada craniana branca e gélida do curupira abre um “puro ‘momento’ perverso” (DELEUZE, 2006, p.73): morte dos ossos como essência-esquelética das ciências-divulgações. Fantasia, mito, imaginação desde dentro de uma linguagem dita científica. Morte da forma da verdade, dos registros documentais como prova de passado. Morte da fixação de qualidades, características, propriedades do que existe, do que pode existir. Existências em devir. Efetuação de morte e vida. “No osso da fala dos loucos tem lírios” poetiza Manoel de Barros. Vazios que abrem a possibilidade de sonhar com variações poéticas e políticas do currículo.



“Entorno de operações mentais”.

Walmor Corrêa

Museu de Arte Sacra - Belém - PA

Crânio – *Unheimliche*. I
maginário popular brasileiro -
2005 Disponível em:

<http://www.walmorcorrea.com.br/2008/operacoes/IMGOPER2.htm>

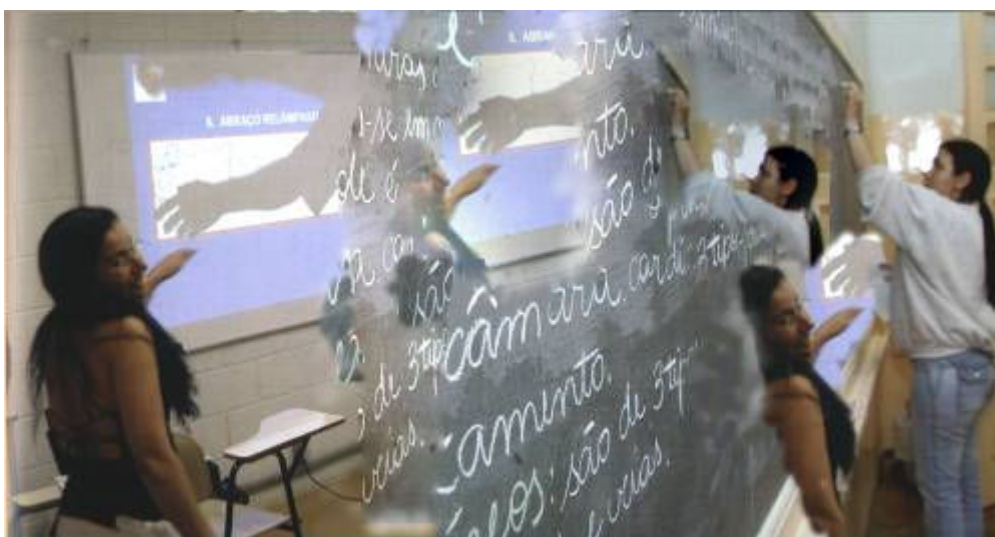
Acesso em: mar. de 2009.

Durações curriculares entretelas, entrelousas. Entre pixels e pó. Interstícios políticos. Saída paradoxal que afirma, no mínimo, as duas direções. A escolha não é

mais entre um ou outro, mas na proliferação de uns e de outros em multiplicidades que não se reduzem a nenhuma unidade. Quando as lógicas dicotômicas e de oposição não orientam mais pensamentos, culturas, ciências, divulgações. Abalos intensivos em divulgações. Divagações que insistimos em buscar, apostar. Aposta na composição de jogos (sem)sentidos que se dão entre palavras e imagens. Palavras que escolhem não significar as imagens, antes criarem nelas uma suspensão da significação já dada, nas imagens, palavras, dados. Abertura de brechas, vazios, nas imagens-palavras-ciências-divulgações para a proliferação de (sem)sentidos. Jogos de vazios. Jogos que nunca se fecham, que abrem à variação infinita. Infinito como o pó? Pixels?



<http://www.nonio.uminho.pt/~esamares/index.php?pag=3> (Acesso em: mar. de 2009).



Montagem de duas fotos⁹

⁹ Fotos publicadas em *Teia do Saber. Capacitação de professores da rede pública* (2005, p.101-111).

Bibliografia

- AMORIM, Antonio Carlos R. ; ANDRADE, Elenise. C. P. ; WUNDER, Alik ; DIAS, Susana O. Para um currículo quase acontecimento, as não-imagens, os sem sentidos. *Anais*. IV Colóquio Luso-brasileiro sobre questões curriculares, Florianópolis, 2008.
- AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Ponto.Ponto.Ponto.Identidades, diferenças e imagens. Leitura. *Teoria&Prática*, Campinas, v.48, p.13-18, 2007.
- ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. *A superfície ex-cr(p)ta em professoras e professores: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecadores*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ARAÚJO, Hermetes R. Apresentação. IN ARAÚJO, Hermetes R (Org.) *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006a. (Estudos, 35
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992. (Coleção TRANS).
- GARCIA-CAIRASCO, Norberto. Onde a ciência se encontra com a arte (Neurociências/Notícias). In: *Ciência & Cultura*, vol. 56, nº.1. Jan./Mar. 2004. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000100030&script=sci_arttext. Acesso em: mar. de 2009.
- KASSAB, Álvaro. A tecnociência no centro da discussão (embora ela não goste). Entrevista com Laymert Garcia dos Santos. *Jornal da Unicamp*, Ed. 240, p.6, dez. de 2003. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/dezembro2003/ju240pag06.html. Acesso em: jan 2009.
- LINS, Daniel. *Mangue's School* ou por uma pedagogia rizomática. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.93, set./dez. 2005.
- PARAÍSO, Marlucy Alvez. Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.9, n. esp., p.108-125, out. 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. De uma imagem à outra? Deleuze e as eras do cinema. Trad. de Luiz Felipe G. Soares. *Intermédias*, Vitória-ES, Ano 4, no. 8. Disponível em: <http://www.intermedias.com/txt/ed8/De.pdf>. Acesso em: jan. de 2009.

RIPOLL, Daniela. Corpo e Biotecnologias na contemporaneidade: lições midiáticas. *Anais. III Seminário Corpo, Gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2007.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias – o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed 34, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia C. et al (Orgs.) *A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2007.

ZOURABICHVILI, François. O jogo da arte. IN LINS, Daniel (Org.) *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de filosofia, 2004*. Rio de Janeiro: Forense Editora; Fortaleza : Fundação de Cultura, Desporte e Turismo, 2007.